

Edson Rauter 10/85

ARTIFÍCIO, ARTEFATO, ARTIMANHA

\*1a. Palestra: O Homem enquanto Artifício.

O título das tres palestras que me proponho a fazer no quadro desta Bienal foi escolhido por diversas razões que se devem tornar evidentes no curso das palestras. Mas preciso confessar uma das razões logo. Os tres termos do título contêm a palavra "arte", e conferem a tal palavra significando "não-aureático", des-sacralizam a palavra. Pois isto justifica que eu profira minhas palestras no quadro de um evento de arte, e que o faça no quadro da atualidade.

.--.--.--.--.--.--.--.

O termo "artifício", (o qual faz parte do título desta primeira palestra), é definido, por meu dicionário, da seguinte maneira: "arte, jeito, destreza, astúcia, máquina, obra. Tal definição não pode ser considerada triunfo da distinção e clareza. Por quê será meu dicionário tão inepto? Já que a etimologia permite definir o termo satisfatoriamente: "artifício" = "artem facere" = fazer com técnica? Sugiro que a explicação da ineptidão do meu dicionário está na ambiguidade da nossa atitude face ao fazer técnico, isto é, ao fazer humano. Somos ambíguos com relação à cultura, seja ela tomada enquanto conjunto de artifícios, seja tomada enquanto artifício, cujo propósito é o de encobrir o fato da morte. Eis a razão porque a definição de "artifício" oscila entre o belo e o feio, o bom e o mau, o verdadeiro e o falso. Pois proponho que perambulamos, nestas tres palestras, em tal terreno movediço. Para tanto, oporei a "artifício" o termo "artefato", (de significado positivo), e o termo "artimanha", (de significado negativo), para delimitar o terreno. Não nutro a esperança de poder "dest-arte" superar a ambiguidade de todo fazer humano. Mas espero, isto sim, poder inserir tal ambiguidade no contexto da revolução cultural pela qual estamos passando.

"Artifício" é o jeito pelo qual homens fazem. É isto que distingue o homem de provavelmente todos os demais bichos. Por exemplo da aranha. Ao tecer sua teia, a aranha segue método que não se modificou no decorrer dos últimos milhões de anos. Segue ela método geneticamente determinado. Quanto a nós, nossos métodos mudam. São técnicas. Fazer, no nosso caso, é agir sobre o mundo objetivo para alterá-lo. Ir contra o mundo, ser sujeito dos objetos. Pois os objetos resistem. Obrigam-nos a procurarmos sempre novos caminhos, (meta-odões = seguindo caminho), mundo adentro. A nossa técnica não é determinada geneticamente, mas o é pela resistência que o mundo objetivo nos oferece. Somos bichos artifices, homens fabri. Bichos a mudar de técnica, a fazer artifícios.

Mas isto não basta para construirmos uma antropologia. Não basta dizer que somos aranhas que mudam constantemente de método ao tecermos teias. Não basta, porque há um complexo feedback entre o nosso método de alterar objetos, (nossa técnica), os objetos alterados, (nossas obras), e nós mesmos, (o artífice, o sujeito). Cada qual destes tres fatores determina os demais, e é por eles determinado. A técnica altera o objeto, o objeto alterado altera a técnica, a técnica alterada altera o sujeito, e o sujeito alterado altera a técnica. Para construirmos uma antropologia, é preciso dizer que já eramos aranhas, agora somos outra coisa, para virar outra coisa ainda.

Ser homem, (artífice), é alterar os objetos com técnicas sempre outras, afim de alterar-se a si próprio. Por certo: nossa meta primeira, ao avançarmos contra o mundo, é a de fazer com que o mundo seja como deve ser, e deixe de ser como era. Mas tal meta primeira rebate contra nós, e isto torna evidente a nossa meta derradeira: avançamos contra o mundo, afim de fazermos com que sejamos como devemos ser, e deixemos de ser como eramos. O propósito de todas as nossas técnicas, de todos os nossos artifícios, o propósito de todas as nossas obras, é o da auto-alteração, o de mudarmos. O derradeiro artifício do homem é o próprio homem. Por isto, a história das técnicas, e a história das obras, não passam de excrescências, de epíclis que assentam sobre a história do homem.

Segundo a tradição judeo-cristã, a qual fundamenta direta ou indiretamente todas as nossas antropologias, a história humana, tal transformação permanente do homem por si próprio, está como que ancorada sobre um núcleo duro e permanente, inalterado pelo processo da alteração permanente. Haveria, no homem, um ponto central, (alma, espírito, identidade, eu), o qual transcenderia todos os artifícios, e a partir do qual todos os artifícios seriam executadas. Tal ponto transcendental, (a subjetividade pura), seria precisamente a especificidade humana. Por várias razões convergentes a tradição judeo-cristã não mais pode ser mantida.

Falarei em algumas de tais razões convergentes, (por exemplo das fornecidas pela teoria das decisões, da dos atos, da dos jogos, e pela cibernética), um pouco mais tarde. E mencionarei, de passagem, as razões providas da psicanálise e da neurofisiologia. O que importa aqui é discutir as razões pelas quais a tradição judeo-cristã deve ser abandonada sob a luz da análise existencial e fenomenológica da subjetividade. "Ser sujeito" não designa posição qualquer, não designa ponto duro qualquer que esteja posicionado no tempo ou no espaço. Designa, isto sim, a negação de todas as posições, a negação de todos os objetos. Subjetividade é a negação da objetividade. Ser sujeito é não ser objeto, é um não-ser. Se sou sujeito, o sou em relação a um objeto que é negado, se sou "eu", é que sou chamado de "tu", se sou espírito, é que algo em mim se reflete. A tradição judeo-cristã procura objetivar a subjetividade, transformar em posição a negação, e destarte encobrir a vacuidade abismal da "ek-sistência", do estar fora.

Abandonada a reificação do "eu", o processo progressivo de auto-alteração do homem por si próprio adquire o seu pleno impacto. Impõe a visão de um campo relacional, espécie de rede, cujos fios, quais fibras óticas, carregam a intensão subjetiva de negar o mundo dos objetos, intenção esta que rebate sobre os cruzamentos dos fios para atá-los e desatá-los. O eu, (espírito, alma, identidade), seria, em tal modelo, um nó na rede relacional, o qual constantemente muda. Pois tal modelo, (tal metáfora), permite que o processo permanente de auto-alteração não é processo infinito. Que é processo que necessariamente se esgota. Na medida em que as técnicas do fazer se aperfeiçoam, na medida em que os objetos alterados, as obras, rebatem sobre a rede com intensidade crescente, esta vai se tornando mais rígida, menos alterável. Até que se alcance situação na qual o homem enquanto derradeiro artifício do homem passa a ser "obra perfeita". Tal situação seria o fim da história humana, a objetivação, (realização, artificialização), total do sujeito.

Não estou afirmando que a robotização e as influências artificiais sejam desde já sintomas de termos alcançado tal ponto. Mas estou afirmando, isto sim, que técnicas avançadas como robótica e a informática permitem vislumbrar, desde já, a derradeira artificialização do homem. A robótica repousa sobre determinada teoria dos atos. Abandonando o mito de um núcleo duro no sujeito ativo, os atos humanos podem ser decompostos em elementos claros e distintos, em "actomas". E tais elementos destarte calculados podem ser recomputados para construir atos. Os robôs são artifícios que agem graças a tal técnica calculadora e computadora.

E rebatem sobre o sujeito que elaborou tal técnica, e fazem com que este aja como um robô, isto é: não mais empiricamente, mas segundo a teoria dos atos. A informática, por sua vez, repousa sobre determinada teoria das decisões, segundo a qual as decisões humanas podem ser decompostas em "bits", em elementos claros e distintos. Abandonado o mito de um núcleo duro no sujeito decidor, as decisões podem ser calculadas em elementos, e re-computadas. As inteligências artificiais são artificiais que de-cidem graças à tal técnica, e rebatem o sujeito que elaborou a teoria. Fazem com que este decida como uma inteligência artificial, isto é: não mais empiricamente, mas segundo a teoria. Des-tarte o ato e a decisão, tomados outrora por "manifestações do núcleo duro", passam a artifícios, a artificialização do homem.

Por certo: ainda é possível distinguirmos vagamente entre robô e agente humano, e, mais vagamente ainda, entre o bra de robô e obra humana. Por certo: ainda é possível distinguirmos vagamente entre inteligência artificial e humana, e, mais vagamente ainda, entre decisões tomadas por inteligências artificiais e humanas. Mas podemos vislumbrar situação na qual afirmar dos robôs e das inteligências artificiais que são objetos, e dos homens que são sujeitos, passará a ser tolice. E quando a teoria dos jogos tiver elaborado técnica comparável à robótica, (isto é: quando as relações inter-humanas se tiverem tencionalizado), e quando a cibernética tiver evoluído a ponto de substituir o pensamento e o engajamento político por pensamento e comportamento relacional, (isto é: quando o governo da sociedade tiver sido relegado a aparelhos, tal teimosia de que rer distinguir entre objetos e sujeitos terá sossegado. A derradeira realização do sujeito, a derradeira artificialização do homem por si próprio, prevista por numerosas utopias, e antecipada nas experiências místicas da fusão do sujeito com o objeto, está se tornando tecnicamente viável. O que não nos inspira, necessariamente, euforia.

A nossa pouca satisfação com o fim da história humana que se aproxima, (endgame), a nossa decepção com o homem enquanto artifício aperfeiçoado, tem a ver, creio, com a contradição entre "deliberação" e "espontaneidade", (ou, como se dizia não há muito tempo: entre "inautenticidade" e "autenticidade"). A vida artificial do futuro pós-histórico, os atos artificiais, e a fortiori os sentimentos, os desejos e os sonhos artificiais, nos repugna. Por ser tudo isto tão anti-espontâneo, tão delibereado, (tão calculado e computado). E Tal repugnância nossa revela a nossa ambiguidade com relação ao fazer humano. De um lado queremos "arte", da qual sabemos ser ela oposta à espontaneidade, mas de outro lado queremos "inspi-ração espontânea" como fonte do fazer arte. Oscilamos entre classicismo e romantismo. No entanto: se interpretarmos o termo "deliberação" como significando decisão fundada em conhecimento teórico, e o termo "espontaneidade" como significando empirismo, a nossa decepção com o homem enquanto artifício aperfeiçoado poderá ser superada.

Se traduzirmos "vida artificial" por vida que se tornou conciente da sua própria estrutura, (vida fundada em conhecimento teóricos), perderemos a repugnância que nos causa a artificialidade. Se "atos artificiais" forem interpretados como atos auto-concientes, "decisões artificiais" como decisões tomadas em plena consciência da causa, "sentimentos artificiais" como sentimentos passados pelo crivo da auto-crítica, "desejos artificiais" como desejos orientados pelo conhecimento, e "sonhos artificiais" como sonhos despertos, todo romantismo nos aparecerá como primitivismo. E não cairemos no erro de acreditar que a vida artificial seria vida de um racionalismo seco. Porque em tal situação a própria razão teria se artificializado, isto é tornado conciente da estrutura pré e transracional sobre a qual repousa. Em suma: basta refletir um pouco sobre a contradi-

ção entre "deliberação" e "espontaneidade", para constatar que a vida espontânea, (a da inspiração, a do palpite genial, a da intuição e do impulso), não passa de vida imperfeitamente deliberada.

O que nos permite, finalmente, definirmos "artifício" um pouco melhor que meu dicionário: o termo significa "fazer técnico", no sentido de um fazer não espontâneo, mas deliberado. E o termo "homem enquanto artifício" significa agora: homem que vive deliberadamente. A história humana seria, vista deste ângulo, processo graças ao qual o homem vai gradualmente substituindo intuição empírica por conhecimento teórico, ao elaborar sempre técnicas novas em sua luta contra o mundo objetivo. E o estágio final de tal processo, (estágio este atualmente previsível, por tecnicamente viável), seria homem inteiramente artificializado, liberado de toda espontaneidade, e livre para deliberar sua vida. Em última análise pois "homem enquanto artifício" significa homem livre.

A palavra "deliberação" é derivada da palavra "liberdade", tanto quanto a palavra "artifício" é derivada da palavra "arte". Se a nossa reflexão nos levou a estabelecermos ponte entre artifício e deliberação, é que nos levou a esbarrarmos contra a íntima relação entre arte e liberdade. A arte e a técnica, (os dois termos são sinônimos), são reveladas enquanto os jeitos pelos quais o homem se libera. Duas questões se impõem a esta altura: de que o homem se libera ao fazer arte? e com que finalidade, (para fazer o que), o homem se libera? São estas as questões que pairam por cima do estágio final da história humana, por cima do homem enquanto artifício realizado.

É fácil responder à primeira pergunta. A arte, (técnica), libera (contra os quais avança), no mundo ambiente, quanto dos objetos da sua própria condição humana, (das suas intuições, dos seus palpites, dos seus impulsos). A arte, (técnica), libera o homem da necessidade de alterar os objetos afim de alterar-se. Libera o homem da necessidade do trabalho. Tal resposta é fácil, porque as novas técnicas, (a robótica e a informática), a fornecem. O homem enquanto artifício realizado será "desempregado", livre da praga do trabalho sobre os objetos exteriores e sobre os objetos exteriores e sobre si mesmo. Pois isto implica que não mais será sujeito dos objetos. Nem sujeita a objetos. O homem enquanto artifício realizado terá se liberado de sua subjetividade. Não mais será ele homem no significado histórico do termo, será outro.

Muito mais difícil é a resposta à segunda pergunta: para que será livre o homem? Que tipo de "ek-sistência" será esta, quando a negação dos objetos, a subjetividade, não mais será o caso? Que tipo de consciência será esta, quando a dialética da consciência, ("se encontro o mundo perco-me, e se me encontro perco o mundo"), terá sido superada? Será a vida artificial ainda vida humana, mais radicalmente: será ainda vida? Não me aventurarei a responder a tais perguntas. Porque, para podermos responder, deveríamos desde já possuir a consciência do homem enquanto artifício realizado, e não a possuímos. No entanto: creio que podemos, desde já, vislumbrar vagamente alguns dos seus aspectos.

Abandonado o mito do "eu", (abandonada a tentativa de reificar a subjetividade), torna-se óbvio o que sempre foi intuito: sou sujeito, não apenas por negar objetos, mas igualmente por fazê-lo junto com outros. Sou sujeito, não apenas por contradição, mas igualmente por diálogo. Sou sujeito, não apenas por discorrer sobre objetos, mas igualmente, e sobretudo, porque sou chamado de "tu" por outros. Sou "eu" em relação a um "tu", o qual é um "eu" em relação comigo. Abandonado o mito do "eu", será a relação intersubjetiva que passará a ser vivenciada como sendo concreta. Superada a subjetividade, a existência passará a ser intersubjetiva. Seremos liberados da negação, do estar aqui contra, e

liberados para o diálogo, o estar aqui com os outros.

Estamos elaborando desde já determinada técnica, (a telemática), que visa a deliberação de tal existência intersubjetiva. A telemática é técnica fundada sobre conhecimentos fornecidos pela psicanálise e pela neuro-fisiologia. A psicanálise, (e, em geral, a psicologia da profundidade), revela o fundo transsubjetivo, intersubjetivo do "eu". A neuro-fisiologia revela ser o cérebro-sistema cibernético, no qual informações providas de fora, sobretudo providas de outros cérebros), e algumas poucas informações geneticamente, (trans-subjectivamente), herdadas são armazenadas e processadas, para serem emitidas. A telemática visa, em última análise, transformar a sociedade em super-cérebro intersubjetivo. Assume ela o desmascaramento do "eu", perpetrado pela psicanálise e pela neuro-fisiologia, para deliberação vida intersubjetiva.

O que permite, vagamente, respondermos à pergunta: para que seremos livres? Para, em diálogo com os outros, elaborarmos informações sempre novas, e informações imateriais, não negadas de objetos. As imagens dialogicamente sintetizadas em terminais são disto exemplo precoce. O homem enquanto artifício realizado será elo em diálogo produtor de arte pura. Pois tais informações imateriais sintetizadas, tal arte pura criada deliberadamente por diálogo, não mais será técnica que visa alterar o mundo objetivo afim de alterar o homem. Será técnica que visa dar sentido à vida intersubjetiva. O homem enquanto artifício não mais será artífice, mas artista puro, porque estará engajado, junto com seus outros, a dar significado sempre novo ao absurdo da vida. Para que seremos livres? Para darmos significado sempre novo às nossas vidas.

Procurarei elaborar, um pouco mais detalhadamente, esta minha resposta pouco satisfatória à pergunta fundamental: para que a liberdade? Mas não posso encerrar esta primeira palestra, ao simplesmente relegar o argumento às palestras seguintes. Permitam, pois, que avance um argumento pseudo-religioso. Afirmei não mais ser sustentável a tradição judeo-cristã na sua tentativa mistificadora de reificar a subjetividade. O homem enquanto artifício que se construiu a si próprio e destarte superou sua subjetividade a desmente. No entanto: é perfeitamente possível que tal desmistificação do judeo-cristianismo nos leve a descobrirmos o que pode ser a mensagem fundamental das religiões que fundamentam a nossa cultura.

O abandono da reificação da subjetividade, (pela robótica, pela informática, pela telemática, por outras técnicas a surgirem), revela que eu sou o outro do outro. Que "eu" e "tu" são funções de relação concreta da intersubjetividade. Pois será isto precisamente o ensinamento do judeo-cristianismo? Que eu sou o outro do Inteiramente Outro, e que meus outros não são senão "imagens" do Inteiramente Outro? Que não há outro meio para eu vislumbrar o Inteiramente Outro, que não há outro meio para eu realizar-me, a não ser através o "amor ao próximo", o diálogo com os meus outros? Possivelmente, a deliberação da intersubjetividade pelas técnicas da telematização, afim de dar sempre novo sentido a vida, não passe de formulação profana dos Mandamentos? E o diálogo produtor de arte pura não passa de formulação profana de prece? Solto este farrapo de pensamento pseudo ou para-religioso para que seja ruminado.

Sugeri, nesta palestra, ser a história processo de artificialização da vida, processo este que está se aproximando de sua meta. Que a atual revolução informática não passa de sintoma precoce do fim da história que está se aproximando. Em suma: que o homem enquanto artifício está prestes a realizar-se. Tuba mirum spargit sonum, e seremos todos mudados. Tal profecia apocalíptica merece ser elaborada, antes de ser falsificada, como o é toda pro-

fecia, É o que procurarei fazer nas palestras seguintes, e espero que os senhores me ajudem a elaborar e a falsificar a profecia. Espero que dialogaremos.

ARTIFÍCIO, ARTEFATO, ARTIMANHA

(18a. Bienal de S.Paulo)

Vilém Flusser

2a. Palestra: A vida enquanto artefato.

A ontologia tradicional procura distinguir entre o "dado" e o "fato", (ou o "feito"). Ou, como se dizia outrora, entre "natureza" e "cultura". Com efeito, quando o homem moderno, isto é: o burguês que saiu vitorioso da revolução do Renascimento, olhava em torno de si para orientar-se entre os objetos que o cercavam, parecia-lhe que havia dois tipos de objeto lá fora. Objetos como o são os astros, as montanhas, os mares, os rios, as plantas, os animais, objetos estes que lhe eram dados, (dados), não se sabe bem por quem, como, e com que finalidade. E objetos como o são casas, portos do mar, navios, livros, quadros, objetos estes que foram feitos por seus predecessores, os artífices do passado, o foram com determinadas técnicas, e cuja finalidade era a de abrigar os homens contra o primeiro tipo de objetos. O conjunto do primeiro tipo de objetos, o conjunto dos dados, era chamado a "natureza", era preciso estudá-lo (descobri-lo e compreendê-lo), e era preciso dominá-lo, (submetê-lo aos propósitos humanos). O conjunto do segundo tipo de objetos, o conjunto dos feitos, era chamado a "cultura", e era possível habitá-lo e utilizá-lo.

Tal ontologia burguesa tem o artesão burguês por centro. É ele quem estuda os dados, e os transforma em feitos, (em artefatos). É ele para quem a natureza foi dada com a finalidade de ser transformada em cultura. As ciências da natureza, com suas descobertas de dados previamente ignorados, (América, luas de Júpiter), e das relações entre os dados previamente ignorados), (leis astronômicas e mecânicas), têm por finalidade permitir ao artesão burguês elaborar técnicas para a transformação de regiões sempre mais vastas e sempre mais profundas da natureza em artefatos. O artesão burguês enquanto ponto central do mundo objetivo está engajado contra a natureza e em favor da cultura, e sua meta, (a meta do progresso), é a transformação progressiva, linear, de dados em artefatos.

A Idade Média, para a qual todos os objetos eram feitos, (creaturas), divinos, não compartilhava tal ontologia, nem a compartilhava a Idade clássica, muito embora o burguês artesão renascentista ter acreditado ser continuador do artesão grego, articulado por Aristóteles e os alexandrinos. Muito menos compartilham tal ontologia as sociedades ditas primitivas, para as quais os objetos todos são seres animados, (por espíritos, por deuses), tanto quanto o são os homens. Por mais que isto possa nos surpreender, a distinção entre dado e feito, entre natureza e cultura, é distinção ideológica recente. Distinção que não mais pode ser mantida.

Múltiplas são as razões que nos obrigam a abandoná-la. Enumerarei algumas entre elas. Há vasta zona cinzenta entre os dados e os feitos que não permite distinguirmos entre ambos: vaca leiteira, floresta plantada, rio canalizado, a Lua enquanto plataforma da NASA, seria dado ou feito? E tal zona cinzenta tem uma contrapartida: sapato gasto, ruína de casa, livro queimado, ainda é feito ou já é dado? É que o otimismo burguês com seu pensamento linearmente progressivo esquece ou esconde, que todo feito vai surgindo gradualmente do dado para decompor-se em dado novamente, que a cultura vai gradualmente da natureza para ser decomposta e esquecida. Que se trata, na produção de artefatos, não de linha que parte da natureza em demanda de cultura sempre crescente, mas de círculo que se inicia na natureza, passa pela região dos semi-manufaturados, da cultura e do lixo, para voltar para a natureza novamente. A ontologia burguesa, com seu engajamento otimista em cultura, deve ser abandonada, por ignorar o segundo princípio da termodinâmica, por ignorar o esquecimento, por ignorar a morte.

A segunda razão que nos obriga a abandonar a ontologia burguesa tem a ver com o otimismo burguês quanto à cultura. O conjunto dos artefatos não é habitável e utilizável, no sentido no qual os burgueses o acreditavam. Pelo contrário: os feitos determinam e oprimem o homem mais que os dados, a condição cultural é mais constrangedora que as condições impostas pela natureza. O imposto de renda é mais terrível que o tigre, e as câmaras de gás mais mortíferas que enchentes. É que os feitos por uns são os dados dos outros. O automóvel é o feito de certos homens, mas virou um dos dados da vida atual, espécie de segunda natureza. Com efeito: a natureza de primeira ordem, (a tal natureza da ontologia burguesa), recuou atualmente para o horizonte do interesse existencial, (não a encontramos



em parte nenhuma, nem sequer na floresta amazônica ou nas profundidades do espaço), e o que nos cerca, oprime e condiciona é a cultura virada natureza de segunda ordem. Não é mais possível engajarmo-nos contra a natureza e em favor da cultura: agora é preciso que nos engajemos contra a cultura para modificá-la.

A terceira razão, (e a última a ser discutida neste ponto), que nos obriga a abandonar a ontologia burguesa tem a ver com o conceito burguês do "dado". Tal conceito começa, há vários decênios, a revelar-se tão problemático que não mais funciona. Serão as partículas nucleares por nós descobertas efetivamente "dados", ou serão elas "feitos" dos nossos instrumentos observadores e das teorias que sustentam tais instrumentos? Serão as leis da natureza que vamos descobrindo efetivamente descobertas que fazemos por entre os "dados", ou serão elas projeções nossas? Será por exemplo a matemacidade da natureza um "dado" ou um "feito"? Em suma: será a natureza da ontologia burguesa em última análise um feito da ideologia burguesa? Será a natureza das ciências naturais projeção ideológica, tanto quanto era a Criação projeção da ideologia monástica, o Cosmos projeção da ideologia helenística, e o Mundo cheio de deuses projeção de ideologias ditas primitivas? Simples justificação ideológica, (racionalização), do fazer burguês, do fazer artefatos?

-.---.---.---.---.---.---.---.---.---.---

Nova ontologia começa a ser construída, penosamente, sobre os escombros da burguesa. E um dos terrenos no qual podemos observar de maneira mais surpreendente tal construção revolucionária é o chamado "Gentech" na América, e "génie génétique" na França. Para dizê-lo prosaicamente: trata-se de manipular as moléculas de determinados ácidos, com a finalidade de produzir organismos. E futuramente, (e parcialmente desde já), sintetizar tais moléculas complexas a partir de moléculas mais simples. Mas tal formulação prosaica perde o impacto do evento. Trata-se, no fundo, de técnica que visa artefatos vivos, e, em última análise, seres animados artificiais, inclusive super-homens. No estágio atual e incipiente de tal técnica, (produtora de virus e bactérias artificiais), o que empolga não é tanto o seu aspecto prático, quanto o seu aspecto filosófico e prenhe de desenvolvimentos futuros.

Fazer vida artificial é atividade que se passa em nível de consciência diferente do nível que leva a fazer artefatos inanimados. Não se trata mais, como no caso dos artefatos precedentes, de impor sua própria subjetividade sobre objetos que cercam o sujeito, (atitude esta que discuti na primeira palestra). Trata-se agora de interferir naquele terreno cinzento entre o mundo objetivo e o mundo oposto aos objetos que é o terreno dos organismos animados. Uma das características da ontologia burguesa acima discutida é seu desinteresse por tal terreno cinzento. Burgueses são gente que não tem experiência vital com animais e plantas. A nova técnica, e as teorias que a sustentam, leva tal terreno para o centro de interesse futuro.

Por certo: para as ontologias anteriores à moderna o mundo animado era o verdadeiro problema. A diferença fundamental entre a ontologia moderna e a clássica é, precisamente, que para os modernos o mundo objetivo é conjunto inanimado, e para os clássicos é ele animado, espécie de animal gigantesco. E para as ontologias ditas primitivas todos os objetos são animados. No entanto: para a nova ontologia que está surgindo da técnica genética o problema do mundo animado se põe de maneira radicalmente nova. Para agarrarmos tal diferença, o termo "informação" pode servir de chave. É uma ontologia informática que está emergindo.

O universo dos organismos, (inclusive do organismo humano), não mais é visto enquanto conjunto de objetos individuais, (de plantas e de animais), que se relacionam entre si, não como objetos inertes, mas como intencionalidades em conflito. Tal visão darwiniana é agora relegada para o fundo da cena. O universo dos organismos passa a ser visto enquanto correnteza de informações genéticas, enquanto rio composto de gotas informativas, rio este que se originou há 2.000 milhões de anos no planeta Terra, envolve o planeta na forma da biosfera, rio este que vai secar em futuro distante mas previsível, e do qual emergem os organismos para remergulharem nele. Os organismos individuais, (o aspecto objetivo da vida), são agora vistos enquanto "fenotipos", enquanto emergências fenomenais e passageiras da correnteza da vida, e o interesse vai se concentrando sobre a estrutura mesma da correnteza vital, sobre os "genotipos", que é o que vai sendo manipulado tecnicamente.

Sob tal visão trans-individual, (trans-objetiva e trans-subjetiva), a vida se apresenta enquanto jogo com pedrinhas, (moléculas complexas), jogo, este, que obedece à estratégia do acaso e da necessidade.

As moléculas complexas, (o repertório do jogo da vida), surgiram por um acaso extremamente pouco provável, mas necessariamente ocorrido, dado o número colossal das moléculas simples das quais surgiram, e dado o tempo colossal durante o qual tais moléculas simples se combinavam e recombinavam ao acaso. Uma vez estabelecidas tais moléculas, estas passaram a se combinarem e recombinarem entre si ao acaso, acaso este melhor chamado de erro, de acidente. A tendência fundamental da correnteza da vida é a de preservar a combinação originária, a copiar tal combinação de gota em gota. Tal tendência é explicável quimicamente e fisicamente, e não diverge da observável no mundo inanimado, por exemplo no dos cristais, que se copiam ao se multiplicarem. Mas ocorrem erros no processo copiador, acidentes que na grande maioria dos casos levam à degradação da vida, à sua recaída para o mundo inanimado. Em alguns casos pouco prováveis, mas que ocorrem necessariamente, dado o número de gotas que se combinam, e dado o tempo disponível para tais combinações, tais acidentes levam a combinações mais complexas ainda, a "espécies novas" como se dizia outrora.

O que impressiona sobretudo em tal visão da vida são dois aspectos. O primeiro é a estúpida automaticidade do processo vital, e sua limitação no tempo e no espaço. Estamos longe do otimismo burgues, cuja última articulação é o darwinismo. O segundo aspecto que impressiona é a emergência de acidentes extremamente pouco prováveis, (embora necessários), que levam a informações tão complexas quanto o é o formigueiro, os octópoda, ou o cérebro humano. Ambos estes aspectos formam um curioso desafio: substituir a estupidez automática por deliberação inteligente, e provocar deliberadamente os acidentes informativos. Esta a meta da técnica genética, a qual portanto não manipula objetos a fim de transformá-los em artefatos, mas manipula um jogo a fim de provocar situações pouco prováveis. Não se trata mais, na técnica genética, de um "Homo faber", mas de um "Homo ludens". E a ontologia que sustenta tal atividade não mais é a que distingue entre "dado" e "feito", (entre natureza e cultura), (não se trata mais de discutir se um vírus artificial é natural ou cultural), mas agora se trata de ontologia que distingue entre o espontâneo e o deliberado.

Tratarei na terceira palestra da base informática de tal nova ontologia. O que se impõe no presente contexto é refletirmos sobre a mutação do significado de "arte" e de "técnica" que está surgindo à tona. "Arte" não mais significa a técnica de manipularmos objetos, mas agora significa a técnica de manipularmos as regras de um jogo, signi

fica "estratégia". (Tal significado novo de "arte" já foi tocado de leve na primeira palestra, quando falei em imagens dialogicamente sintetizadas em terminais de computadores). Em outros termos: "artista" não mais é artesão que imprime informações sobre objetos, (pedras), telas, palavras, sons musicais ou odores). "Artista" do-ravante é jogador que visa situações improváveis no jogo no qual está engajado. O que mostra o quanto a distinção moderna entre "arte" e "técnica", e mais geralmente entre "arte" e "ciência", aliás desconhecida antes da Idade Moderna, não mais é sustentável. Indubita-  
velmente, em futuro não muito distante, as artes passarão a ser consideradas ciências, e a ciência uma das artes.

Formularei o aqui pretendido de um ângulo diferente. O neolítico, esta revolução cultural fundamental que nos marcou até um passado recente, se deve às técnicas que transformam seres animados, (plan-tas, animais e homens), em artefatos, (em trigo, em vaca leiteira, em escravo). Trata-se de técnicas que salientam o aspecto objetivo do ser animado, e alteram tal aspecto. A nova revolução cultural se deve a técnicas que manipulam, (entre outras coisas), as regras do jogo do qual os seres animados, (plantas, animais e homens), são situações fenomenalizadas. São técnicas que ultrapassam o aspecto fenomenal do outrora chamado "real", para penetrarem o campo rela-cional concreto sobre o qual os fenômenos repousam. Por isto "arte" e "ciência" deixam de ser atividades que estudam e manipulam fenô-menos, e passam a ser atividades que mergulham deliberadamente no campo relacional para brincarem com suas virtualidades. Arte, téc-nica e ciência em geral se "imaterializam", (veja-se a recente exposição do Centre Pompidou com este nome), não apenas porque o termo "matéria" começa a evaporar-se. "Imaterializam-se" sobretudo, porque "artefato" não mais significa "obra", e passa a significar "estratégia de jogo". "A vida enquanto artefato" não significa pois "objetos animados artificiais", mas significa "vida deliberadamente jogada". O seu paralelo mais próximo no passado clássico não é pois Pygmalion, mas "ars vivendi et ars morriendi".

-----

Aparentemente, a vida, tal qual foi discutida nesta palestra, a saber: no seu significado biológico, nada tem a ver com o seu significado pretendido no tema desta Bienal, "O homem e a vida".

No entanto, sugiro que artefatos animados contribuirão ainda mais fortemente para a artificialização da vida humana futura que os artifícios inanimados discutidos na primeira palestra, como o são as inteligências artificiais e os robôs. Pela razão seguinte: Os artifícios inanimados são resultado de cálculos e computações da suposta subjetividade, (por exemplo de atos, de decisões, de juízos), e os artefatos animados são resultado de cálculos e computações da organização biológica que supostamente sustenta tal subjetividade, (por exemplo da informação genética da espécie humana). De modo que a nova consciência calculadora e computadora, a qual transcende tanto as categorias "dado" e "feito", quando as categorias "objeto" e "sujeito", vai transformando a vida humana tecnicamente de dois lados outrora tidos por opostos. Pelos artifícios inanimados vai ela artificializando, (transformando em arte deliberada), a subjetividade humana, e pelos artefatos animados vai ela artificializando, (transformando em arte), a vida biológica do homem.

Sustentei, na primeira palestra, que a artificialização dos processos mentais equivale à liberação do homem para elaboração intersubjetiva de sempre novos significados da vida. Procurarei sustentar outro quanto a artificialização dos processos biológicos humanos. Podemos observar desde já, e muito antes do desenvolvimento prático do "génie génétique", como tal liberação se efetua. Os métodos da contracepção, a inseminação artificial, e um pouco mais tarde a incubação "in vitro", são técnicas que estão, desde já, libertando a mulher para o gozo da sua sexualidade. O ato sexual está se aproximando, desde já, de um estágio, no qual passará a ser ele arte, técnica pura, jogo puro. Jogo este no qual os parceiros se realizam intersubjetivamente. A fantasia se recusa a imaginar o jogo amoroso, ("ars amatoria"), quando o "génie génétique", estiver apto a produzir artefatos libidinosos. O "amor" terá então adquirido significado novo, e, conforme sugeri na última palestra, significado para-religioso.

O outro lado do amor, no entanto, é a morte. A visão anterior do universo dos seres animados assumia a morte dos organismos individuais como um dado. A nova visão vislumbra correnteza biológica relativamente imortal: Relativamente à duração da vida humana. A duração da correnteza vital é mesurável em milhares de milhões de anos, (o sperma e os óvulos por exemplo são imortais relativamente ao corpo humano). A morte do organismo individual aparece, sob tal visão, como acidente tecnicamente evitável. Por certo: Isto não implica que a técnica genética promete a imortalidade eterna,



nos aproximando da artificialização total da vida. O propósito da terceira e última palestra será o de reunir os fios do argumento sob o tema geral "informação", e o de sugerir uma visão da arte futura.

ARTIFÍCIO, ARTEFATO, ARTIMANHA

(18a. Bienal Internacional de São Paulo)

\*3a. Palestra: A artimanha da vida humana.\*

Defini, na primeira palestra, o termo "artifício" como "fazer deli-  
berado". E, na segunda palestra, defini implicitamente "artefato"  
como "feito deliberado". Resta definir "artimanha", que meu dicio-  
nário considera sinônimo de "dolo, ardil, fraude". O meu propósito,  
ao definir tais três termos, é o de circunscrever o terreno da ar-  
te. Não me satisfarei com a definição de "artimanha", sugerida por  
meu dicionário, e tomarei a sério o seu sufixo "manha". E defini-  
rei pois "artimanha" como "artifício manhoso", ou "fazer delibera-  
damente manhoso". Dou portanto por circunscrito o terreno da arte:  
é o terreno da deliberação que resulta em feitos, deliberação esta  
que pode ser considerada manhosa. Considerarei a sentença preceden-  
te definição aproximada de "arte". De modo que esta Bienal passa a  
ser um dos lugares públicos, nos quais são expostos feitos que fo-  
ram deliberados por alguns, deliberações estas que são considera-  
das manhas por alguns outros. Pois se conseguirmos elucidar o ter-  
mo "manha", teremos elucidado os criterios da crítica artística  
que pode vir a considerar esta Bienal, (e a arte tout court), em-  
presa fraudulenta.

Não consigo traduzir "manha" para as demais linguas  
que domino, salvo para o grego: "metis". Segundo o mito, Metis a  
manhosa administrou a Cronos um veneno que o fez vomitar os filhos  
que tinha devorado, em seguida casou com Zeus recém-vomitado, o  
qual por sua vez devorou Metis, temendo um filho possível que Me-  
tis poderia dar-lhe, mas Metis penetrou o crânio de Zeus, e o a-  
briu de dentro para dar à luz sua filha Athene, a sabedoria. Sugi-  
ro que este mito supercomplicado e um tanto nojento pode servir de  
modelo do fazer arte. Metis, a manha, procura, por caminhos fraudu-  
lentos, dar à luz a sabedoria. Certa crítica enfoca os caminhos  
fraudulentos, outra enfoca a meta almejada. E quando Nietzsche diz  
ser a arte melhor que a verdade, toma ele perversamente os cami-  
nhos fraudulentos por meta da arte. O problema, por certo, é o da  
"verdade" enquanto oposto de "mentira", não de "erro".



Demoremos um instante com os gregos. O herói de Metis é Ulysses, o manhoso, o artiloso. E o animal de Metis é o polvo, o qual emite artilosamente nuvem de tinta para enganar os inimigos. Ulysses, o artista da vida que engana o destino, e o polvo, o produtor de artifícios enganadores. Pois a nuvem de tinta emitida pelo polvo é o que os gregos chamam um "stratagemma", palavra esta que reconhecemos na nossa humilde palavra "estrada". Ambas palavras derivam da raiz "str", que implica "distribuição", "espalhar algo". "Stratagemma", é o ato de distribuir algo sobre um campo, (geralmente soldados de um exército sobre o campo de batalha), daí o comandante de exército ser chamado "strategos", e a arte da guerra ser chamada "stratêgia". O polvo, no entanto, não distribui soldados, mas tinta, e Ulysses distribui-se a si próprio, viaja. Ambos recorrem a estratégias para enganar inimigos. Sugiro que os críticos que consideram a arte coisa fraudulenta, falsa, mentirosa, que a consideram artimanha, são precisamente tais inimigos enganados pelas estratégias da arte.

Para determinada crítica, para aquela que diz buscar a verdade por caminhos retos, fazer arte é efetivamente manha. Mas para quem acreditar ser a verdade meta jamais alcançável, e apenas aproximável assintoticamente, todos os caminhos são tortuosos, caminhos de Metis. É preciso mentir deliberadamente, para ser desmentido, e destarte aproximar-se da verdade, (Popper). Para tais críticos, não apenas se justificam as mentiras, os trompe-l'oeuil, as manhas da arte, como a própria ciência não passa de arte neste sentido. Para tais críticos, todo pensamento e todo ato humano em busca da verdade segue estratégias, é pois pensamento e ato deliberadamente mentiroso. A arte ao buscar a verdade, e tudo que o homem faz é arte. A vida humana é uma única artimanha composta de artimanhas. É um fazer como se, para ver como é. É arte.

.....

No entanto, para ouvidos atuais o termo "estratêgia", e a raiz "str" nele contida, evocam toda uma série de conotações novas. A física atual, e sobretudo a astronomia, sugere cosmovisão segundo a qual o universo consistiria de partículas dispersas. No estágio atual do universo tais partículas formam amontoados, (supergalaxias, galaxias e estrelas), que se vão afastando uns dos outros. Mas tal expansão do universo se

deve à tendência para distribuição uniforme das partículas em toda parte do universo, tendência esta que o segundo princípio da termodinâmica articula. De maneira que o estágio atual do universo não seria senão situação passageira de um processo que se iniciou, há 15 bilhões de anos, por explosão de partículas acumuladas sobre um único ponto, (Big Bang), e que se terminará por distribuição uniforme das partículas sobre o campo universal todo, (Morte térmica). Tal processo cósmico pode ser articulado também por outros termos: o universo tende para distribuição sempre mais provável das partículas das quais é composto. Se definirmos "informação" por "situação pouco provável", o universo tende para a perda de todas as informações, para a uniformidade.

A raiz "str", contida na palavra "estratégia", e igualmente contida na palavra "distribuição", toca portanto diretamente a tendência fundamental do universo. E se "estratégia" for definida como "arte de distribuir elementos sobre um campo a fim de enganar um inimigo, arte de guerra", começaremos a intuir de que arte, de que guerra se trata. Trata-se da arte, da guerra que o homem trava, desde que homem é homem, contra a tendência estúpida e absurda do universo para a uniformidade, para a perda das informações, para o esquecimento, para a morte. "Estratégia" é o grito de guerra que o homem lança na cara do universo, é ela a arte que o homem manhoso, (o homem verdadeiro, humano), emprega para enganar o mundo. A arte toda, todo fazer deliberado que resulta em feitos deliberados, é articulação da manha humana de opor-se à tendência universal para o esquecimento. Esta, a artimanha da vida humana.

A estratégia humana face ao mundo que tende para a entropia consiste em provocar situações pouco prováveis, (Informações), e a preservar tais informações contra a entropia. Indubitavelmente, isto é manha, (termo que provavelmente deriva de "maníaco"). O homem é maníaco ao querer deliberadamente opor informações à tendência entrópica do universo. (Aliás, que o homem é bicho louco, e que a cultura é neurose, já foi demonstrado). Todas as informações jamais criadas pelo homem, ou já foram esquecidas, ou serão esquecidas. Todos os nossos edifícios cairão em ruína, todos os nossos livros, quadros e composições musicais estão condenados ao esquecimento, e provavelmente numerosas culturas inteiras do passado desapareceram sem deixar traço. A tendência entrópica do mundo é obviamente mais poderosa que a deliberação negativamente entrópica humana. No entanto: declarar a guerra ao absurdo do mundo é a dignidade humana.

Estou sugerindo, nestas três palestras, que estamos assistindo a mudanças de estratégias. Sobretudo no que tange a preservação das informações criadas. Simplificarei o problema: Até a atual revolução informática todas as informações produzidas foram armazenadas em objetos, ou sobre superfícies de objetos, e doravante são elas produzidas no campo eletro-magnético, e armazenadas em memórias artificiais praticamente indestrutíveis. Mas tal simplificação exige reflexão mais atenta. Primeiro porque as memórias artificiais implicam novo tipo de pensamento. E segundo porque produzir informações em campo eletro-magnético implica novo tipo de fazer humano, novo conceito de arte.

-.--.-.-.-.-.-.-.-

O problema anterior à atual revolução foi o de escolher objetos que resistem a decomposição natural o mais tempo possível, e de gravar as informações produzidas em tais objetos. Em bronze por exemplo, ou em algo ainda mais resistente que o bronze, ("aere perennius" diziam os antigos).. O problema era difícil, porque quando mais resistentes os objetos, tanto mais resistentes ao esforço de serem informados. Vencer a resistência pífida dos objetos passou portanto a ser a estratégia básica do fazer humano. A tal dialética "objeto-técnica-sujeito", na qual falei na primeira palestra. Podemos constatar duas revoluções em tal estratégia: a de queimar tijolos, e a máquina impressora. Considerem tais revoluções por um instante.

Em qualquer lugar da Mesopotâmia há seis mil anos inventou-se a técnica de gravar informações em barro mole graças a um stylos, e de queimar tal barro informado. Destarte o objeto a ser informado não resistia muito à deliberação informadora, mas, uma vez queimado, resistia bem à entropia. Pois tal artimanha, (da qual nos conta o mito da criação de Adam), iniciou a época chamada "história no significado restrito". A tese segundo a qual o gesto de gravar em barro e depois queimá-lo seria a origem da consciência histórica é tese poderosa. Gutenberg inventou técnica que permite imprimir informações sobre as superfícies de objetos sucessivos, de modo que as informações podem ser guardadas em prototipos relativamente permanentes, e sobrevivem à decomposição dos estereótipos impressos. O resultado foi a explosão de informações multiplicáveis, explosão esta que levou primeiro à elaboração do discurso científico, e depois à Revolução Industrial com todas as suas conseqüências sobre a vida e o pen-

samento humanos. A tese segundo a qual todas as máquinas industriais não passam de impressoras modificadas, (imprimem informações em ferramentas), é tese poderosa. - Portanto: A revolução dos tijolos provocou a história, e a revolução da impressão provocou o mundo moderno.

No entanto: perto da revolução atual as duas precedentes são suaves. Não basta dizer que as memórias artificiais, (sejam elas compostas de chips, sejam sistemas de espelhos), são armazéns de informações muito mais resistentes à entropia que tijolos ou ferramentas. Não basta dizer que a nova estratégia engana a entropia a ponto de a ter praticamente vencido. É preciso acrescentar que as novas memórias tornam redundantes as memórias humanas. Antes da revolução atual todas as informações produzidas eram armazenadas em objetos, afim de poderem ser recebidas por memórias humanas e lá armazenadas para serem processadas. Atualmente as informações são produzidas e armazenadas em memórias artificiais, para serem processadas lá mesmo por inteligências artificiais e/ou humanas. O que implica que está se tornando inoperante querer acumular informações em memórias humanas, (querer aprender dados), e que do ravante o que é preciso é aprender a processar os dados armazenados nas memórias novas. Será preciso aprendermos a pensar de maneira nova. A vida em sociedade informatizada será não apenas diferente da vida moderna, e da vida histórica, será diferente de todo tipo de vida até aqui imaginável.

-.--.-.-.-.-.-.-.-

Produzir informações em campo eletro-magnético é um fazer radicalmente diferente daquele que imprime informações dentro ou sobre objetos. Não esbarra contra resistência objetiva, não é trabalho. Tratei deste problema um pouco na primeira palestra, mas aqui pretendo enfocá-lo de ângulo diferente. Para tanto convidando os senhores a reconsiderarem as duas revoluções precedentes. Gravar informações sobre barro graças a um stylus levou à invenção da escrita, a qual evoluiu de pictogramas para finalmente se transformar no código alfa-numérico que utilizamos até hoje. Tal código transformou profundamente a estrutura mesma do pensamento. Este se tornou conceitual, linear, progressivo, seguindo as linhas dos textos. A consciência histórica é, no fundo, precisamente esta estrutura do pensamento. Mas, até a invenção da imprensa, tal tipo de pensamento tinha constantemente que lutar contra o pensamento pré-histórico, imaginativo, mágico, mítico, bi-dimensional, idólatra. Os textos explicavam as imagens, por certo, mas as imagens, por sua

vez, ilustravam os textos. Com a invenção da imprensa o código alfa-numérico tornou-se vitorioso. Expulsou as imagens da vida quotidiana, para encerrá-las em guetos glorificados do tipo "museus". Tal glorificação dos guetos é responsável pela aura benjaminiana que cerca o conceito "arte" durante a época moderna. Pois produzir informações em campo eletro-magnético implica abandono do código alfa-numérico em prol de códigos novos, áudio-visuais, calculados e computados. Isto não é retorno para o pensamento, (e a ação), pré-histórico, imaginativo, idólatra, como pode parecer à primeira vista, (sobretudo se tormarmos a TV como modelo). Pelo contrário: isto é emergência para um tipo de fazer jamais previamente executável, emergência para um tipo novo de arte.

O abandono do código alfa-numérico é extremamente penoso, sobretudo para quem, como eu, estiver engajado em textos, e na consciência histórica, crítica, que se articula por textos e exclusivamente por textos. Mas não há como escapar a tal abandono, e que seja simplesmente em vista da inflação dos textos impressos que desvaloriza todos os textos. No entanto: se refletirmos sobre as virtualidades dos novos códigos, o tal abandono se tornará mais suportável. Para tanto devemos considerar, não tanto as informações eletro-magnéticas atualmente dominantes, tais como o rádio ou a TV, que efetivamente começam a substituir-se pelos textos escritos. Tais informações irradiadas não são senão fenômenos do estágio infantil da revolução informática em curso. Devemos, pelo contrário, considerar as informações eletro-magnéticas que recorrem a computadores, a instrumentos ligados a computadores, (como o são, por exemplo, os plotters), e a cabos. Tais aparelhos estão se tornando rapidamente acessíveis a todos, pelo menos nos países desenvolvidos, e substituem-se, desde já, aos livros escolares, aos cadernos e às canetas. E o que distingue este tipo de informação da irradiada é o fato que não mais há emissores de um lado, receptores do outro, mas que todo participante da comunicação eletrônica é emissor, receptor e produtoras informações em causa.

Trata-se, nas informações destarte sintetizadas, de imagens sonoras em movimento. Mas toda comparação com filme, (informação química), e vídeo, (informação eletrônica não sintetizada), é falha. Filmes e vídeos são espelhos: Refletem os raios emitidos por objetos, embora o façam muito indiretamente, e portanto menos "objetivamente", que espelhos de vidro. As imagens sintetizadas não refletem raios, mas os compõem segundo programa. Não significam o que está lá no mundo dos objetos, mas, pelo contrário, o que poderia estar lá, deveria estar lá, não deveria estar lá: São ima-

gens-projeto. Mas, uma vez projetadas, as imagens sintetizadas estão efetivamente lá, são vivências concretas. O que deve ser, o que não deve ser, o que pode ser, e inclusive o que não pode ser, (por exemplo, formas geométricas ou movimentos impossíveis no mundo dos objetos), passa a ser concreto nas imagens e por elas. Trata-se, em tais imagens, de feitos deliberados, (programados), trata-se de arte.

Por certo: Não se trata de obras. O artifício que os produz não é trabalho, e as imagens não são objetos informados, são artefatos imateriais, "puros". No entanto: Tais imagens são mais "universais" que as obras universais imaginadas por exemplo por Wagner. São elas síntese das artes ditas plásticas, (são imagens), da música, (são sonoras), da literatura, (falam línguas), do teatro, (movimentam-se), e dentro em breve da escultura, (hologramas). Mas dizer isto é pouco. As imagens sintetizadas são produto de deliberação, a qual, embora a serviço de uma imaginação desvairada, (não limitada) pela restrição objetiva, se vê obrigada a passar pelo crivo da conceituação clara e distinta, já que se vê obrigada a calcular e computar programas. De forma que tais imagens são síntese de imaginação poderosa e de conceituação disciplinada. Síntese de ciência e arte.

Não estou afirmando que as imagens sintetizadas vão acabar, de vez, com toda atividade produtora de informações anterior a elas. Que vão acabar, de vez, com a pintura com óleo, com a composição musical para instrumentos e vozes, com a literatura, com o teatro, com o filme, com a TV, com o Vídeo, e sobretudo com os textos da jurisprudência, da ciência e da filosofia. O que estou afirmando, isto sim, é que todas estas atividades informadas precedentes serão lentamente sugadas pelas imagens sintetizadas, para serem absorvidas nelas. E darei a filosofia como exemplo. É ela discurso linguístico notado em código alfa-numérico, discurso este que se propõe a falar sobre outros discursos, inclusive sobre o seu próprio discurso. Por sua estrutura linguística, e pelo caráter do seu código, a filosofia é pensamento linear, e obedece a determinadas regras, sobretudo às da lógica, a qual, como diz o termo, é regra da fala. As imagens sintetizadas se oferecem enquanto estratégia para um pensamento multi-dimensional, apto a pensar sobre outros pensamentos, (apto a filosofar), o qual, muito embora possa ser estruturado logicamente, ou pode ser também por regras adicionais igualmente rigorosas. Quem doravante continuar a filosofar linguisticamente e alfabeticamente estará se empobrecendo voluntariamente. E isto vale para todas as demais atividades informa



hipóteses são ficções, modelos. Mas persistia, muito tempo ainda, a convicção que há, de um lado, algo objetivamente dado, e, do outro lado, algo subjetivamente para o qual o objetivo era dado. De modo que as ficções científicas deviam ser adequadas ao objetivamente dado, ("adaequati intellectus ad rem"), enquanto as ficções artísticas podiam não adequar-se. Tal convicção está sendo abandonada. Estamos convencidos, atualmente, que tanto o dado objetivo quanto o sujeito são abstratos de relação concreta. E isto não apenas graças à análise fenomenológica, (e outras comparáveis), mas sobretudo graças às próprias ciências que analisam o dado. Está caindo a barreira que separa ficção científica da ficção artística, e a aura fantasmagórica, própria da arte, vai doravante envolvendo todo e qualquer fazer humano.

Pois parece-me que dizer isto é, desde já, articular, embora de forma apenas premonitória, a nova consciência que está emergindo. A saber: A consciência que o "eu" e a "realidade objetiva" não passam de mitos, que "natureza" e "cultura" não passam de articulações ecológicas, e que o concretamente vivenciável é o relacionamento. Pois tal consciência desenganada, (por ter sido enganada em demasia no decorrer dos últimos seis mil anos), é consciência intersubjetiva, para a qual viver é um fazer como se, é artimanha. Viver, para tal consciência, é fazer o improvável, o praticamente impossível, já que o provável, o praticamente certo, é o nada lá fora e cá dentro. A artimanha, a arte total, é a resposta que tal consciência dá ao absurdo.

Há poucas semanas saiu livre na Suíça, de autoria de F. Ingold, cujo título é "Jeder Kein Kuenstler", (aproximadamente "todo mundo não-artista"). Tal título procura articular de maneira aforística o que lhes estou propondo. A saber: A consciência que está emergindo, e as técnicas que tal consciência vai elaborando, vai permitir estratégias graças às quais todo mundo vai poder produzir, em conjunto com todos os demais, as aventuras mais inimagináveis e mais inconcebíveis. Todo mundo será artista em sentido tão radical, tão fantasmagórico, que o termo atual "arte" não mais é adequado. E por ser inadequado o termo, poderá dizer-se que "todo mundo será não-artista".

Permitam que encerro esta minha intervenção com profissão de fé, (se "fé" for o termo adequado): Desde que homem é homem, informa ele deliberadamente. Agora dispõe ele de nova consciência e de novas estratégias que lhe permitem fazê-lo relativa-



mente sem preconceitos míticos, e relativamente independente do esquecimento. Pode ele agora ser artista relativamente desengano- do, assumir relativamente melhor a carga pesada do saber ser sua vida artimanha. Minha fé é que isto o tornará relativamente mais humano.